

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

BRUNA ROSSANA DE SOUZA SANTOS SCHUCK

## **LITERATURA ORAL NA SALA DE AULA**

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Departamento de Línguas Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lúcia Liberato Tettamanzy

PORTO ALEGRE  
2009

*À minha mãe, pela fé  
Ao meu pai, pela persistência  
Ao Rodrigo, pelo amor*

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Cícero e Leni, origem de tudo, porque sempre acreditaram em mim, me ensinando a não desistir dos meus sonhos, depositando amor e fé nos meus dias.

Ao meu 'mártir particular', Rodrigo, porque sempre esteve comigo, desde o início, sabendo o momento de falar e de calar, entendendo meus períodos de euforia e tristeza.

Aos meus segundos pais, Paulo e Isabel, porque sempre me apoiaram e me escutaram, me oferecendo cotidianamente exemplos de força e dedicação.

Ao meu irmão, Manoel, porque o amo incondicionalmente e não sei o que teria sido de mim se ele não tivesse nascido.

À minha orientadora, Ana Lúcia, porque é, além de mestre, ouvinte, conselheira, amiga, e me proporcionou a oportunidade de trabalhar com a Poética da Oralidade na graduação.

A todos os professores da minha vida, da pré-escola à universidade, porque contribuíram, de um modo ou de outro, para que eu estivesse aqui.

Aos meus colegas e amigos da UFRGS:

futuros, ou já, professores, que dividem comigo o mesmo sonho;

futuros, ou já, tradutores, que sabem traduzir, mais que em palavras, o que se passa no coração.

Enfim, a todos que participaram desta minha caminhada.

*Nada que é humano me é alheio.*  
Terêncio

*Um sistema de desvínculos: para que os calados não se façam perguntas, para que os opinados não se transformem em opinadores. Para que não se juntem os solitários, nem a alma junte seus pedaços. O sistema divorcia a emoção do pensamento como divorcia o sexo do amor, a vida íntima da vida pública, o passado do presente. Se o passado não tem nada a dizer ao presente, a história pode permanecer adormecida, sem incomodar, no guarda-roupas onde o sistema guarda seus velhos disfarces. O sistema esvazia nossa memória, ou enche a nossa memória de lixo, e assim nos ensina a repetir a história ao invés de fazê-la. As tragédias se repetem como tragédias.*

Eduardo Galeano

## **RESUMO**

A proposta deste trabalho é pensar de que forma a literatura, e no nosso caso, a literatura de tradição oral, pode cooperar, dentro da escola, no processo de constituição de sujeitos que possam pensar a si mesmos e pensar o mundo. A partir do conhecimento e reconhecimento dessa cultura de tradição oral, em que estão atrelados poética, corpo e voz, a sala de aula abre espaço para a escuta, para a valorização do educando e a escola passa a mostrar-se como um organismo vivo.

Palavras-chave: oralidade; educação; ensino; literatura.

## **RIASSUNTO**

Quel che propone questo studio è pensare il modo cui la letteratura, ed in questo caso, la letteratura della tradizione orale, può cooperare, dentro la scuola, nel processo di costituzione dei soggetti che possano pensare sé stessi e pensare sul mondo. Dalla conoscenza e riconoscenza di questa cultura della tradizione orale, in cui sono collegati poetica, corpo e voce, la classe apre spazio all'ascolto, alla valorizzazione dell'allievo e la scuola passa a mostrarsi come un organo vivo.

Parole-chiave: oralità; educazione; insegnamento; letteratura.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. A SALA DE AULA: PROCURANDO SENTIDOS E CONEXÕES.....	12
2.1. O que é educação?.....	12
2.2. Educação, sociedade e ideologia.....	14
2.3. A criticidade da sala de aula – ou a falta que ela faz.....	16
3. A LITERATURA ORAL: CONTANDO E APRENDENDO E VIVENDO.....	19
3.1. Pra começo de conversa.....	19
3.2. Oralidade: tradição, cultura, literatura.....	20
3.3. Literatura oral?.....	21
3.4. Mãos à obra – mãos, vozes, corpos, narrativas.....	22
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
5. BIBLIOGRAFIA.....	33
ANEXO A - Informações sobre as narrativas apresentadas neste trabalho.....	35

## 1. INTRODUÇÃO

Ultimamente, fala-se muito na escola. Ou melhor, palpita-se muito. Já viraram lugar-comum os discursos extremistas: ou a escola é a salvação da pátria ou a escola é a culpada por todos os erros e males. O que sabemos, e que não é novidade, é que a escola, como a vemos hoje, está cansada. Todos estão cansados: professor, aluno e todo o mais que vive naquele espaço. À medida em que não se cria nada novo e somente se reproduz o repetível, aquele organismo vivo vai morrendo.

Em todo caso, minha intenção ao escrever este trabalho não é a de acusar, mais uma vez, ou de, por outro lado, trazer a educação como redentora, mas mover um pouco nosso olhar para o que está acontecendo e para além, para o que pode ser feito.

A ideia para este trabalho vem sendo desenvolvida desde que eu frequentei a disciplina de Literatura Oral Tradicional. O trabalho final consistia em recolha e análise, pelos discentes, de narrativas da oralidade, gravadas em áudio ou filmadas, constituindo, assim, um acervo a ser utilizado para futuras pesquisas e trabalhos.

Durante o semestre, eu havia recolhido várias narrativas, relatos de amigos, de avós e mães dos meus amigos. As pessoas me procuravam, me ligavam: *Olha, minha mãe tem uma história ótima pra te contar...* E lá ia eu com gravador e caderninho na mão. Era um evento! Eu experienciei uma sensação muito boa na escuta. E também na fala, claro: as funções na oralidade são dinâmicas.

O contar histórias não é função de um pessoa. Arma-se uma situação na qual público e narrador comungam de um mesmo mundo, operam códigos comuns, fazem leituras e podem se revezar na imposição da voz. Não se trata simplesmente de falar mais alto, mas saber convencer. (FERNANDES, 2002, p. 28)

Quantas vezes, percebi que muitos usavam a história como pretexto de uma reunião, de uma socialização necessária em nossos dias de racionalização do tempo. Não foram poucas as vezes em que esquecemos as horas nesse ouvir/contar... E mais, percebi que muitas das narrativas (ouvidas de contadores gaúchos) possuíam pontos de contato com as que eu já conhecia (de uma infância carioca).



Contudo, eu precisava escolher apenas um narrador e minha mãe se ofereceu, quase que despretensiosamente, me recontando suas histórias vibrantes. Histórias que já fazem parte de mim, histórias que, no entanto, parecem novas de novo quando ela reconta.

Fui criada ouvindo aquelas histórias extraordinárias. Nas de meu pai (que nasceu e cresceu na cidade onde se localizava o Quilombo dos Palmares, em Alagoas), sempre havia fugas espetaculares, seres de outro mundo que surgiam para ajudar os menos favorecidos. Segundo Alfredo Bosi (in XIDIEH, 1993), as narrativas são formas de explicação do mundo e modelos de comportamento. De qualquer modo, quando eu procurava investigar se era verdade mesmo, meu pai respondia: *Mas é tudo história de Trancoso!*

(...) A “história do Trancoso” é lazer e é arte, mas antes de tudo é um fazer dentro da vida. Dá-se e circula como um objeto sem preço, um bem comum, um valor de estimação. (...) Fantasia e imagem, é também veículo do real.” (LIMA apud AYALA, 1989, p. 260)

Quando apresentei o trabalho final à turma, senti um orgulho enorme de compartilhar um pouco de mim também, pude perceber os valores que estavam em jogo, o resgate de uma subjetividade, o reconhecimento da arte que veio de dentro da minha casa.

No caso do conto popular, a consciência de um fazer artístico é muito tênue. Acredito que esta seja uma das especificidades desse sistema. Configura-se como um fazer dentro da vida que não tem pretensões definidas e assumidas de reconhecimento artístico e intelectual. (AYALA, 1989, p. 266)

Um outro momento decisivo para a construção deste trabalho foi meu ingresso neste ano na monitoria da disciplina Literatura Oral Tradicional e meu acesso às narrativas que compunham o acervo de produções dos alunos e, de certo modo, à pesquisa desenvolvida pela professora Ana Lúcia Liberato Tettamanzy. Trata-se do Projeto *A vida reinventada: pressupostos teóricos para análise e criação de acervo de narrativas orais*, contemplado em Edital do CNPq com financiamento para compra de materiais (datashow, filmadora, notebook) e criação de um site e ambientes digitais. Com a digitalização está sendo possível organizar e viabilizar o acesso ao material registrado desde 2006 na disciplina de Literatura Oral Tradicional (da Graduação), em disciplinas no PPG em Letras e na pesquisa de campo realizada desde 2007 no bairro Restinga. A participação nas atividades da monitoria foi

importante porque a criação do acervo e a existência da pesquisa têm como objetivo principal contribuir para o avanço dos estudos literários nas áreas da oralidade (narrativas orais, poéticas da voz), da teoria literária e da cultura, além de introduzir um novo campo de estudo na área de Letras da UFRGS (área esta pesquisada e atuante em outras IES), que vem a ser o campo dos sistemas da oralidade em suas manifestações. Movimentos como esses fazem-se urgentes em uma academia que ainda está por reconhecer a poeticidade que escapa ao livro e à inscrição.

Inclusive, no subcapítulo *3.4 Mãos à obra – mãos, vozes, corpos, narrativas*, eu trago exemplos de algumas histórias em vídeo e áudio, que estão em anexo neste trabalho, provenientes da oralidade que pude organizar no acervo como monitora.

Para finalizar esse processo de constituição do trabalho, tive acesso a leituras e discussões estimulantes e, por que não dizer, inquietantes na disciplina de Estágio de Docência em Português II (considerando também a própria prática de ensino) que problematizavam a escola, as funções do professor, nossos conceitos sobre escola e educação. Esse todo me levou a pensar sobre alternativas de mudança para a sala de aula.

Na verdade, ao escrever também sobre as questões da educação, tento apresentar o que está acontecendo, buscar uma reflexão sobre como a escola vem sendo usada pelo sistema burguês como meio de mascaramento da realidade, apagamento de sujeitos e normatização dos indivíduos frente aos conflitos econômicos, políticos e sociais. Parafraseando Frigotto (apud TIRIBA & PIKANÇO, 2004), nos últimos sessenta anos, a educação tem sido vista como a galinha dos ovos de ouro, envolta na ilusão de que ‘se você estuda, conseguirá emprego’, ou ‘há empregos, o que não há é pessoal especializado’, descaradamente “a ideologia constrói um senso comum de que a educação básica ou formação profissional nos tira do capitalismo periférico, gera chances de emprego ou de ‘empregabilidade’”. (FRIGOTTO apud TIRIBA & PIKANÇO, 2004, p. 237). A formação é aquela da razão, a resposta é aquela do livro didático, o saber é aquele científico, o aluno é, enfim, uma folha em branco.

O que se propõe é olhar o aluno, perceber o professor (que também sofre ao ter de encenar sempre o mesmo papel), dar novo sentido à palavra escola. Fazer circular os saberes, dar voz, trazer a realidade para dentro da escola, fazendo com que

a aquisição de noções verdadeiramente úteis se dê através da livre exploração do mundo, da leitura de jornais, dos livros de aventuras (e, por que não, até das histórias em quadrinhos, lidas, criticadas em conjunto e não lidas de escondido e por desespero, uma vez que os livros oficiais de leitura são o que são), dos manifestos publicitários, da análise da vida cotidiana, fornecida pelos próprios alunos... (BONAZZI & ECO, 1980, p. 18)

É neste ponto que pensamos no que se pode fazer. Minha proposta, dentre as muitas que estão aí, é mostrar uma possibilidade de escutar o aluno, através de práticas de atividade de literatura oral, partindo também de minha própria experiência no meio acadêmico, quando tive a oportunidade de conhecer e trabalhar com as narrativas orais.

Desse modo, o presente trabalho visa esclarecer como a literatura de tradição oral e popular pode fazer a diferença na sala de aula. Para tanto, nos estudos sobre ideologia, sociedade e educação busca-se apoio nas leituras de Louis Althusser, Marilena Chauí, Carlos Rodrigues Brandão, Paulo Freire, Marisa Eizirik, Arcanjo Pedro Briggmann. Nos estudos da oralidade, busca-se apoio teórico em Paul Zumthor, Walter Ong, Eric Havelock.

Enfim, a realidade do aluno não pode ficar do lado de fora da porta da escola, esperando o horário da saída.

## 2. A SALA DE AULA: PROCURANDO SENTIDOS E CONEXÕES

*Le otto e mezza tutti in piedi  
il presidente, la croce e il professore  
che ti legge sempre la stessa storia  
sullo stesso libro, nello stesso modo,  
con le stesse parole da quarant'anni di onesta  
professione.  
Ma le domande non hanno mai avuto  
una risposta chiara.<sup>1</sup>*

*Antonello Venditti*

Para iniciarmos nosso percurso, é bom saber bem onde estamos. Estamos na sala de aula, esse espaço físico-mítico pelo qual (quase) todos passamos. Para alguns, um palco, para outros, espaço para redenção, lugar de silêncios estrondosos e vozes inauditas. Dizem que é na sala de aula que a educação acontece. Mas, então, não seria o caso de nos fazermos algumas perguntas? O que é educação? Existe mesmo só uma educação? A educação só acontece na sala de aula?

### 2.1. O que é educação?

Para o Dicionário Aurélio, em uma de suas definições, *educação é o processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral do ser humano.* (1993, p. 197).

A pergunta parece simples e até sem justificativa. Afinal, todo mundo sabe, é senso comum: a educação é um processo de aperfeiçoamento, melhoramento do sujeito que se dá na escola, pelo professor, dentro da sala de aula. A resposta mais trivial ainda. No entanto, será mesmo?

Segundo o texto da Lei de Diretrizes e Bases, educação é somente aquisição de conhecimentos, ainda que em seu primeiro artigo diga que:

---

<sup>1</sup> Oito e meia, todos de pé/ o presidente, a cruz e o professor/ que lê pra você sempre a mesma história/ do mesmo livro, do mesmo modo/ com as mesmas palavras de quarenta anos de honesta profissão/ mas as perguntas nunca tiveram uma resposta clara.

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. ( Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996)

Infelizmente sabemos da existência contumaz da distância entre o dito e o feito. Nesse caso, o cotidiano nega a lei. Não há no país a conscientização de que educação se configura em vários processos, plurais. Muito menos o reconhecimento do humano, do social, do comunitário dentro desses processos.

É falso imaginar uma educação que não faz parte da vida real: da vida tal como existe e do homem tal como ele é. É falso pretender que a educação trabalhe o corpo e a inteligência de sujeitos soltos, desancorados de seu contexto social na cabeça do filósofo e do educador, e que os aperfeiçoe para "si próprios", desenvolvendo neles o saber de valores e qualidades humanas tão idealmente universais que apenas existem como imaginação em toda parte e não existem como realidade (como vida concreta, como trabalho produtivo, como compromisso, como relações sociais) em parte alguma. (BRANDÃO, 2007, p. 70)

Seria justo sublinhar a este ponto que a educação (ou seriam as educações?) se desenvolve todos os dias. É o aprender-ensinar cotidiano presente em todas as culturas. São processos que estão na vida, fazem parte da vida e que precisam da mesma. No entanto, tanto a maneira de encarar a educação, idealizada e ideologizada pela sociedade, como o modo como ela vem sendo desenvolvida dia-a-dia denunciam esse caráter artificial porque “descolado da vida”.

Talvez o grande sintoma de tudo isso seja evidenciado na falta de ‘sucesso’ escolar dos alunos e na grande apatia dentro da sala de aula. Eles são inteligentes ao ponto de saber selecionar o que é importante daquilo que não lhes parece é interessante. Entendo que o que não pode ser esquecido é que a educação é uma prática social dentre outras. A origem e o escopo da educação devem ser a comunidade, a sociedade, a cultura.

Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante. (BRANDÃO, 2007, p. 9)

Conquanto saibamos que há educação em todas as sociedades, a educação conforme a conhecemos coopera para a manutenção de uma certa ordem vigente. Há

educação para todos os tipos de sociedade. Pierre Bourdieu (apud PATTO, 1997, p.35) fala mesmo em uma “transmissão cultural da desigualdade social” e Althusser (1992, p.79) diz que não há meio melhor de divulgar a ideologia dominante, de uma sociedade, do que através da educação, já que “ela se encarrega das crianças de todas as classes sociais (...) durante anos.”

## 2.2. Educação, Sociedade e Ideologia

*Depois de 20 anos na escola,  
não é difícil aprender  
todas as manhas do seu jogo sujo.  
Não é assim que tem que ser.*

*Renato Russo*

O homem é essencialmente social e socialmente delimitado, limitado por fronteiras políticas, econômicas, culturais, ideológicas.

As classes sociais não são coisas nem ideias, mas são relações sociais determinadas pelo modo como os homens, na produção de suas condições materiais de existência, se dividem no trabalho, instauram formas determinadas da propriedade, reproduzem e legitimam aquela divisão e aquelas formas por meio das instituições sociais e políticas, representam para si mesmos o significado dessas instituições através de sistemas determinados de ideias que exprimem e escondem o significado real de suas relações. As classes sociais são o fazer-se classe dos indivíduos em suas atividades econômicas, políticas e culturais. (CHAUÍ, 1980, p. 22)

Ao sublinharmos a relação que há entre educação, sociedade e ideologia, insinuamos que a sociedade (capitalista), com seus desígnios e objetivos, trabalhará para o não reconhecimento de uma realidade por parte de seus agentes sociais e da “submissão a condições de vida e de trabalho pré-fixadas” (CHAUÍ, 1980 p. 30), ou seja, pertencer a determinada classe social surge como uma “fatalidade do destino” (idem, 1980, p. 30), algo natural (não histórico).

Na verdade, porém, cada sociedade, considerada em momento determinado de seu desenvolvimento, possui um sistema de educação que se impõe aos indivíduos de modo geralmente irresistível. É uma ilusão acreditar que podemos educar nossos filhos como queremos. Há, pois, a cada momento, um tipo regulador de educação do qual não nos podemos separar sem vivas resistências, e que restringem as velocidades dos dissidentes. (DURKHEIM apud BRANDÃO, 2007, p.76)

Portanto, através da educação são internalizadas noções de cultura e disposições sociais, de certo modo, permanentes e, praticamente, inquestionáveis. Em uma sociedade estratificada, são valores aceitos e respeitados por uma classe dominada, legitimados por uma classe dominante, inculcados através de um dispositivo, para usar o adjetivo de Durkheim, irresistível: a escola.

Althusser denominou tanto a Igreja quanto as instituições de educação como *Aparelhos Ideológicos do Estado*, “um certo número de realidades que apresentam-se ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas” (1992, p.68), através dos quais se mantém a ordem das coisas.

No período histórico pré-capitalista (...) é evidente que havia um aparelho ideológico dominante, a Igreja, que reunia não só as funções religiosas, mas também as escolares, e uma boa parcela das funções de informação e de “cultura”. Não foi por acaso que toda a luta ideológica do século XVI ao XVIII, desde o primeiro abalo da Reforma, se concentrou numa luta anticlerical e anti-religiosa, foi em função mesmo da posição dominante do aparelho ideológico do Estado religioso. (ALTHUSSER, 1992, p. 76)

Por sua vez, o Estado dispõe dos Aparelhos Ideológicos e dos Aparelhos Repressivos. Os Aparelhos Ideológicos são predominantemente ideológicos, obviamente, mas também fazem uso da violência (expulsão da escola dos alunos indisciplinados, excomunhão da igreja, etc). Os Aparelhos Repressivos são predominantemente de coerção, mas usa-se também de ideologia para legitimar suas ações violentas.

Em determinado momento da história ocidental, com a chegada da burguesia ao poder, fez-se necessária a ascensão de um Aparelho Ideológico mais eficaz. Um modelo que representasse e difundisse os valores do homem burguês, competitivo, individualista, alienado dentro da perda do todo. Esse aparelho era a escola. A esta altura, a Igreja já não podia servir à nova elite. Mudava a estrutura social, mudava também a ideologia a ser reproduzida.

Afirmamos que o aparelho ideológico de Estado que assumiu a posição dominante nas formações capitalistas maduras, após uma violenta luta de classes política e ideológica contra o antigo aparelho ideológico do Estado dominante, é o aparelho ideológico escolar. (ALTHUSSER, 1992, p. 77)

Com a escola substituindo o papel predominante – mas não nulo a partir de então – da Igreja, o par escola-família substituiu o par Igreja-família. Pode-se dizer que substituiu muito bem, até porque que outro aparelho pode manter o indivíduo durante tantas horas e tantos

anos sob seu poderio, moldando-o conforme a necessidade do sistema? A escola nos alcança cedo, e cedo começa a minar nossa capacidade criativa.

Ela se encarrega das crianças de todas as classes sociais desde o Maternal, e desde o Maternal ela lhes inculca, durante anos, precisamente urante aqueles em que a criança é mais “vulnerável”, espremida entre o aparelho de Estado familiar e o aparelho de Estado escolar. (ALTHUSSER, 1992, p. 79)

(...) nenhum aparelho ideológico do Estado dispõe durante tantos anos da audiência obrigatória ( e por menos que isso signifique gratuita...), 5 a 6 dias num total de 7, numa média de 8 horas por dia, da totalidade das crianças da formação social capitalista. (ALTHUSSER, 1992, p. 80)

Mesmo considerando heróis os professores que se voltam contra a ideologia capitalista, Althusser diz que eles - em sua maioria -, na verdade, pensando contribuir para a sociedade, acabam trabalhando em prol da própria desigualdade social, uma vez que ajudam no mito do papel da escola como transformador social por si só. Sua falha, segundo Althusser, é questionar pouco, o que resulta em aulas não questionativas e alunos condicionados.

### **1.3 – A criticidade da sala de aula – ou a falta que ela faz**

*Certa manhã, ganhamos de presente um coelhinho das Índias. Chegou em casa numa gaiola. Ao meio dia, abri a porta da gaiola. Voltei para casa ao anoitecer e o encontrei tal e qual havia deixado: gaiola adentro, grudado nas barras, tremendo por causa do susto da liberdade.*

*Eduardo Galeano*

Algo que um professor estagiário ou recém-formado logo nota ao entrar em classe é a resistência dos alunos ao novo. Não que não seja natural do ser humano rejeitar o que, *a priori*, não conhece . Contudo, pode-se observar que a postura dos alunos apenas reflete o que lhes foi inculcado durante anos e anos: a busca da resposta única, o medo do questionamento, o distanciamento do desafio, a impossibilidade de pensar autenticamente, de se mostrar sujeitos.

Pré-condicionados pela lógica do capital, os alunos da escola tendem a fortalecer a tirania do desejo artificial em oposição às necessidades genuínas. Sua função de mecanismos simbólicos de mediação protege as estruturas de poder opressivo da escola e da ordem social mais ampla. (MCLAREN apud BRIGGMANN, 1993, p.48)



Quando lhes é proposto algo que fuja do usual, eles temem e, não sabendo como se comportar frente a essa situação, inicialmente, eles repelem. A imagem é clara: aprendem que a manutenção do sistema como ele é apresenta-se como alternativa mais cômoda, do mesmo modo como é mais cômodo para alguns professores preservar sua autoridade, visto que esta postura não exige competência.

Os alunos (...)incorporam exatamente os códigos valorizados pelas pessoas que representam a instituição e sabem que precisam corresponder à expectativa, isto é, de que ajam da mesma maneira. (EIZIRIK, 2001, p.135)

Observando o estado de dormência crítica, já que está tudo definido, determinado e dividido – o conhecimento, os valores, até mesmo a linguagem - de modo maniqueísta entre bem e mal, certo e errado, atentamos para a emergência de que novos ventos adentrem e movam a sala de aula. Um desses ventos deve se chamar criticidade.

Entretanto, a criticidade não é só desestimulada, como também combatida, dentro e fora de sala de aula. É comum, no dia-a-dia, ouvir as pessoas dizendo: “Ai, como você é crítico!” em tom de reprovação, ou ainda, “Fulano sabe fazer crítica construtiva” em detrimento ao que se chama de crítica destrutiva: há uma divisão, de novo em dois polos, entre bom/mau, positivo/negativo. Vê-se facilmente que a possibilidade da presença de sujeitos críticos assusta, porque desestabiliza, porque, enfim, representa um risco a uma ordem já estabelecida.

Vale ressaltar que a criticidade, enquanto um emblema da cidadania e um valor atitudinal, é trabalhada ideologicamente por aqueles que detêm o poder econômico e político. Isto porque a conservação e a reprodução dos esquemas de privilégio dependem, fundamentalmente da ignorância e do conformismo, aqui tomados como formas de escravização da consciência. (SILVA, 1998, p. 23)

Dentro dessas circunstâncias, podemos perceber a necessidade de se estimular a compreensão crítica do mundo. Compreensão que passa pela leitura, pela literatura, mas não só como processo de decodificação do escrito, mas como processo de apreensão do todo, das imagens que nos cercam, das vozes que nos alcançam, dos objetos que nos tocam, enfim, uma leitura crítica da palavra e para além da palavra.

(...) pela leitura crítica o sujeito abala o mundo das certezas (principalmente as da classe dominante), elabora e dinamiza conflitos, organiza sínteses, enfim combate

assiduamente qualquer tipo de conformismo, qualquer tipo de escravização às ideias referidas pelos textos. (SILVA, 1998, p. 26)

É certo que esse vento de mudança precisa de vários componentes para tomar forma:

- o diálogo, como estabelecimento de um canal direto com os alunos, construído a partir de confiança e respeito mútuos,
- o questionamento do óbvio,
- a oferta de uma variedade de fontes de informação,
- o resgate da subjetividade, livrando suas identidades do cativeiro do silêncio,
- o convite à inquietação, à curiosidade e ao prazer da descoberta, assumindo um espaço entre os professores e os alunos.

É nessa trilha que coloco a importância de que novos portadores e produtores de textos, vozes e significações sejam adicionados ao cotidiano escolar.

### 3. A LITERATURA ORAL: VIVENDO, CONTANDO E APRENDENDO

*Quando é verdadeira, quando nasce da necessidade de dizer, a voz humana não encontra quem a detenha. Se lhe negam a boca, ela fala pelas mãos, ou pelos olhos, ou pelos poros, ou por onde for. Porque todos, todos temos algo a dizer aos outros, alguma coisa, alguma palavra que merece ser celebrada ou perdoada pelos demais.*

*Eduardo Galeano*

#### 3.1. Pra começo de conversa...

Não foram poucas as vezes em que, mantendo um diálogo aberto com os alunos, muitos me perguntaram por que estudar literatura, por que ter de conhecer coisas tão antigas, e muitos confessaram não gostar de literatura porque não viam sentido algum, não se identificavam. No último estágio de docência, fiz uma pesquisa entre alunos do primeiro ano do ensino médio sobre a importância da literatura, tal qual a conhecem na escola, em suas vidas. Embora as respostas fossem colocadas individualmente no papel, o resultado foi muito parecido:

Sinceramente, na minha opinião, não tem importância nenhuma porque lembra de coisas antigas, de muito tempo atrás. (M. P., 16 anos)

É importante para interpretação das coisas, para aprender um pouco do passado. (L.L., 16 anos)

Não vejo importância nenhuma. Odeio literatura. (M. F., 16 anos)

A insistência em termos como “coisas antigas”, “passado”, “antigamente” fez-me perceber que a ideia de literatura deles é aquela inalcançada e intocável de Camões e Machado de Assis. Cerrada dentro de um livro, na estante empoeirada da biblioteca quase sempre fechada. Para eles, sem vida. É urgente que se desmitifique essa concepção escolar de literatura! (MARTINS apud BUNZEN & MENDONÇA, 2006, p. 90) sublinha que “é necessário que o aluno compreenda a literatura como fenômeno cultural, histórico e social, instrumento político capaz de revelar as contradições e conflitos da realidade.” Nesse caso, a literatura de tradição oral me aparece como uma possibilidade de novos ventos, de propulsão

da capacidade crítica, colocando em xeque valores estabelecidos e verdades únicas e como resgate de subjetividades, em tempos em que coisas são mais importantes que pessoas.

A comunicação vocal desempenha, no grupo social, uma função exteriorizadora. Globalmente, ela permite que se escute o discurso, seja ele grave ou fútil, que uma sociedade pronuncia sobre si mesma a fim de assegurar sua perpetuação, e do qual a poesia oral é apenas um dos modos. (ZUMTHOR, 1997, p. 34)

Não se pensa, de maneira alguma, substituir, simplesmente, o cânone literário, mas, trazendo à baila a poética de tradição oral, tensionar essa ordem e, ao mesmo tempo, estendê-la.

### **3.2. A oralidade: tradição, cultura, literatura**

A oralidade nos faz lembrar que somos humanos e sua presença na narrativa é a realização plena. Se escrever é por no papel nosso pensamento, a voz é “o verbo encarnado na escritura” (ZUMTHOR, 1993, p. 113). É corpo, é linguagem, é ritmo. A voz participa de nossa individualidade, ao mesmo tempo em que nos faz sociais.

Ela [a voz] interpela o sujeito, o constitui e nele imprime a cifra de uma alteridade. Para aquele que produz o som, ela rompe uma clausura, libera de um limite que por aí revela, instauradora de uma ordem própria: desde que é vocalizado, todo objeto ganha para um sujeito, ao menos parcialmente, estatuto de símbolo. O ouvinte escuta, no silêncio de si mesmo, esta voz que vem de outra parte, ele a deixa ressoar em ondas, recolhe suas modificações, toda “argumentação” suspensa. Esta atenção se torna, no tempo de uma escuta, seu lugar, fora da língua, fora do corpo. (ZUMTHOR, 1997, p. 17)

Ainda para Ong (1998), o pensamento e sua expressão na tradição oral estão ligados à presença de um interlocutor, configurando uma relação essencialmente agregadora.

Em virtude de sua constituição física como o som, a palavra falada origina-se do interior humano e revela seres humanos a outros seres humanos como interiores conscientes, como indivíduos; a palavra falada agrupa seres humanos de forma coesa. (ONG, 1998, p. 88)

Portanto, as questões que envolvem tradição, cultura e literatura em comunidades orais nos remetem sempre a um caráter social, utilitário e funcional, indo de encontro à pretensa imagem de docilidade ou ingenuidade e, ainda, subordinação de uma cultura a outra. Percebemos que essas questões estão ligadas “à existência e à própria sobrevivência destas classes.” (BOSI, 1981, p. 13).

Tudo isso a que se dá o nome de "Cultura Popular", e que às vezes se vê da academia como um amontoado de coisas pitorescas, faz parte de sistemas populares de vida e de representação da vida, e tem uma lógica e densidade de que apenas levantamos o primeiro véu, depois de tantas pesquisas.

Pois todo este trabalho tradicional de classe que sustenta um modo próprio de vida subalterna é sustentado por formas próprias e muitas vezes popularmente muito complexas de saber. E sustentado também por sistemas próprios de reprodução do saber popular, que implicam não apenas em relações simples, como as de um pai lavrador com um filho aprendiz, mas também em redes e estruturas pedagógicas de que desconhecemos quase tudo. (BRANDÃO, 2007, p. 104)

Também segundo Bosi, considerando a existência de uma cultura erudita e uma cultura popular, a primeira deverá aprender muito com a segunda, pois é urgente a ascensão e a manutenção de:

(...) valores como o interesse verdadeiro pelo outro, a maneira direta de falar, o sentido do concreto e a largueza em relação ao futuro, uma confiante adesão à humanidade que virá, tão diferente do projeto burguês para o amanhã, da redução do tempo ao contábil que exprime o predomínio do econômico sobre todas as formas de pensamento. (BOSI, 1981, p. 19)

Com estes apontamentos não esperamos inverter os polos da discussão e colocar a cultura popular e seus braços em posição de dominância e prestígio em detrimento às culturas de outros grupos da sociedade. Entendemos que, conforme Bakhtin (apud GINZBURG, 2006, p.15) já salientou, as culturas estão em circularidades, em mútuas influências, há “um influxo recíproco entre cultura subalterna e cultura hegemônica” .

### 3.3. Literatura oral?

*A priori* o termo “literatura oral” parece mesmo paradoxal para designar um grupo de formas artísticas verbais orais, já que “litera” (*literatura*, de *litera*, letra do alfabeto) remete invariavelmente a escritos e evidencia nosso caráter grafocêntrico. Nesse rastro, foi proposto por um linguista de Uganda, Pio Zirimu, o termo oratura, que também passou a ser propagado por Ong. Sua posição com relação ao termo é categórica:

(...) a erudição produziu no passado conceitos monstruosos como “literatura oral”. Esse termo decididamente absurdo permanece em circulação hoje, até mesmo entre estudiosos cada vez mais plenamente conscientes de quão constrangedora se mostra nossa inabilidade para imaginar uma herança de materiais verbalmente organizados,

exceto como alguma variante da escrita, mesmo quando nada têm a ver com ela. (ONG, 1998, p.20)

Segundo Ong, é injustificável ter de vincular a tradição oral à literatura, ou explicar a primeira remetendo-se à segunda sem considerar que a oralidade precede a escrita ou ainda que possui caminhos, formas e significados próprios a seus meios de produção, emissão e recepção. Seria como dizer, em seu exemplo clássico, a uma comunidade que nunca viu um cavalo, que o animal seria como um automóvel sem rodas. Quer dizer, é um abismo do não-ser: explicar-se-ia algo pelo o que ele não é. A denominação “literatura oral”, na verdade, é de 1881, de Paul Sébillot e a sua principal característica é “a persistência pela oralidade” (CASCUDO, 1984, p. 23).

O interessante disso tudo é que mesmo o termo para designar tais atividades já estremece, polemiza, questiona, abre discussões. Por enquanto, ficamos com o termo “literatura oral”, sabendo ser “um conjunto de práticas heterogêneas” (CORREIA, 1993, p.62), situada “no âmbito mais englobante das práticas da Cultura Popular” (idem). Ainda segundo Correia, podemos entender quatro (4) subsetores na literatura popular:

1. *Literatura popular não tradicional*, efêmera junto às populações, pode ser uma canção famosa, por exemplo;
2. *Literatura popularizante*, produzida por autores da literatura já instituída, com utilização de estruturas e linguagem próprias da poética tradicional;
3. *Literatura popular tradicionalista*, de autoria de representantes do povo;
4. *Literatura oral tradicional*, produções aceitas e transmitidas ao longo do tempo, configurando-se patrimônio cultural, coletivo e anônimo.

Contudo, o interesse desse trabalho, e do autor também, centra-se na literatura oral tradicional, que ele assim divide:

### **Composições líricas:**

#### **4.1. Composições de caráter prático-utilitário:**

- rezas, orações, benzeduras, exorcismos, cantigas de ninar, provérbios, sentenças, ditos populares, expressões estereotipadas.

#### **4.2. Composições de caráter lúdico:**

- lengalenga, trava-língua, adivinhas

#### 4.3. Composições variadas

#### Composições narrativo-dramáticas

#### 4.4. Composições explicativo-exemplares:

- mitos, lendas, fábulas

4.5. **Composições registradoras-elementares** (casos de experiência humana elementar, mas composta por densidade semântica) :

a. romances (em verso, de grande ambiguidade, predomina o realismo de agentes e situações);

b. contos (em prosa, predomina o maravilhoso, tendo como ponto de partida elementos do mundo real. Pode-se distinguir ainda contos de tradição universal e de tradição nacional.

4.6. **Composições críticas (humorísticas):** predominam as anedotas (considerado o gênero por excelência da tradição oral)

#### 4.7. Composições variadas

#### Composições dramáticas:

#### 4.8. Composições exemplares

- tragédias, dramas, comédias

4.9. **Composições críticas** (aponta os costumes e as pessoas, importantes em determinada época do ano, como o carnaval)

#### 4.10. Composições registradoras do cotidiano

Aqui temos uma proposta de classificação e organização para os gêneros da nossa literatura oral tradicional. Segundo o próprio Correia, “muito elementar, talvez mesmo simplista em certos aspectos” (1993, p. 69), porém necessária e coerente. Para Alfredo Bosi:

Qualquer elaboração oral por mais que pareça simples divertimento encerra sempre algo de utilidade, de preceito e de etiqueta. Entendemos, dessa maneira, que a literatura oral popular envolve todas as formas de expressão, contos, cantos,

adivinhas, orações, simpatias, ditados, frases feitas, lendas, mitos, etc, resultando num conjunto assaz complexo, não só por causa da sua diversidade quanto à forma de comunicação, como também pelo seu significado no contexto da cultura popular. A simples enumeração das diferentes formas de expressão já por si mesma está a indicar a sua decorrência de um sistema social em que ideias e os valores de todos os tipos impõem perspectivas e implicam em expectativas de comportamento e convívio (BOSI in XIDIEH, 1993, p.26).

Na literatura oral, o escrito vale somente como meio de assegurar a perpetuação da atividade passada, mas, por outro lado, dialoga com outros mecanismos de expressão além da voz, como o gesto, o icônico, a música.

Além disso, “A literatura oral nunca é gratuita como pode ser a literatura culta” (BOSI in XIDIEH, 1993, p. 19). É de salientar, mais uma vez, que as elaborações orais possuem funções claras, encerram utilidades, como preservar crenças, denunciar realidades, contornar comportamentos, resgatar ou perpetuar valores.

Enquanto a literatura-instituição exige situação de entrega à leitura, a tradição oral está vinculada à participação e recepção coletiva.

(...) a oralidade é mais aditiva do que subordinativa, ou seja, ela realiza uma unidade entre falante e ouvinte, dada pela natureza evanescente da palavra falada, enquanto a escrita enfatiza mais a sintaxe e a organização do próprio discurso. Assim, a oralidade gera um pensamento do tipo agregativo(...) (LIMA, 2003, p. 34).

### **3.4. Mãos à obra – mãos, vozes, corpos, as narrativas**

Camara Cascudo (1981, p. 23) considera literatura oral “uma produção, canto, dança, anedota, conto, que possa ser localizada no tempo, um documento literário, um índice intelectual”, além de rezas, benzeduras, ritos religiosos, jogos e brincadeiras infantis. Correia (1999), como vimos, ainda promove uma classificação e organização das obras de literatura oral tradicional.

No acervo de narrativas orais da UFRGS, há mais de 30 narrativas autorizadas, que podem ser classificadas, conforme critérios criados a partir do trabalho na Monitoria, em

- *Memória de Trabalho*: histórias de experiências vividas em torno de atividade profissional;
- *Histórias de Família*: resgates da lembrança, quando a memória emociona;
- *Memória Política*: histórias que se confundem com acontecimentos históricos e com preocupação social;
- *Narrativas Fantásticas*: vinculações entre o real e o sobrenatural.



Invariavelmente, as histórias de cunho sobrenatural são as que mais chamam a atenção:

Existia um gaudério, lá por aquelas bandas, do tempo em que ele era pequeno ainda, que tinha ido num baile e lá pelas tantas entrou uma mulher muito bonita nesse baile, muito bem arrumada. Mas ela não chamou tanto a atenção por ser bonita, por estar bem arrumada, mas sim por estar sozinha.

(Vocês já imaginaram, naquela época, uma mulher sozinha num baile? Não existia isso... No mínimo, poderia ser até da zona)

E ele largou a guria com quem estava dançando e foi tirar a tal pra dançar, e dançou bastante com ela. Além de dançar bastante e admirar a beleza dela, ele notou que ela tinha um anel muito bonito, que deveria ser muito valioso e o olhinho cresceu. Ele dançou com ela e se ofereceu pra acompanhá-la até em casa, só que no meio do caminho, ele deu o bote na mulher e arrancou o dedo dela, cortou com canivete e levou dedo e anel e tudo e roubou e se mandou pela noite afora.

Ele nunca mais soube da mulher. Nunca contou pra ninguém, vendeu a joia, né, arrumou uns pilas. E depois de muitos anos, ele já casado, estava no mesmo lugar, na mesma cidade, dançando com a mulher, a esposa, e viu que essa mesma mulher, bonita, bem arrumada, chegou no salão também, sozinha, chamando a atenção de todo mundo. E ele ficou apavorado, né...

*Bah, agora ela vai querer saber do anel, vai chamar a polícia, vai até... sei lá... contar sei lá o que pra minha mulher...*

E ela nem olhou pra ele: dançou. Quando eles foram embora, ele e a esposa dele, foram subir na charrete e viram que ela estava sozinha. Aí a esposa dele disse:

*Ô, fulano, vamos dar uma carona pra ela... Vamos deixar essa mulher aí sozinha na noite? Vamos dar carona pra ela, não custa nada.*

Ele se borrando todo, né...O que que ia dizer pra mulher, né?

*Vamos!*

Quando ela embarcou na charrete, ele olhou pra trás e viu que ela estava com a mão e a mão sem aquele dedo. O homem se borrou todo, né:

*Bah, e agora? Ela tava me esperando, decerto pra... querer...o dedo não vou poder dar, né? Mas o anel ela vai querer...*

**E aí eu fingi que não vi**, ele fingiu que não viu e pediu o endereço dela, da casa, e ela deu: rua, número. E levaram. Como foi surpresa deles que a rua e o número era o cemitério.

Era a rua do cemitério e o número do cemitério. (Narrativa 200601<sup>1</sup>)

Já foi explicitado neste trabalho o caráter utilitário das obras provenientes da oralidade, portanto, sabemos que uma das funções das narrativas de tradição oral é moralizar, o que na classificação de Correia (1993) pertence às composições explicativo-exemplares.

Eu sempre dizia:

\_Vocês não *sai* pra rua na sexta-feira santa,(...) é lobisomem na certa! Vocês não *sai*!

\_Que nada, mãe!

\_Bom, então tá! (Narrativa 200602)

Ou seja, há uma recorrência de histórias em que existe punição para os indivíduos, sobretudo os mais jovens, que desobedecem a certo tipo de moral ou costume. Na narrativa 20601, a cupidez humana representada na figura do gaudério não chega a ser castigada, mas é, de todo modo, reprovada com a intervenção de um ser sobrenatural. Já no trecho da Narrativa 20602, percebemos o tom de ameaça (a aparição do lobisomem) na possibilidade de se desobedecer à ordem de permanecer em casa.

Há, ainda, o caso da mulher que queria tanto ter um filho que, no ápice de seu descontentamento, disse que gostaria de ter uma criança mesmo que esta fosse filha de Satanás (dentro da leitura judaico-cristã).

Aí, se lembraram. Se lembraram que tinham pedido um filho do capeta. E quando eles foram lá no berço olhar a criança já pra ver o que ia fazer com ele, né, daí deu aquela explosão assim e ficou aquele cheiro de enxofre. (Narrativa 200808)

Contudo, um ponto interessante no primeiro relato (Narrativa 200601) é a confusão que a contadora faz entre o narrador e o personagem principal: “*E aí eu fingi que não vi, ele fingiu que não viu e pediu o endereço dela*” (Narrativa 200601). O narrador dessas histórias apresenta os fatos como reais, parte de suas vivências, entretanto muitas vezes se percebe a confusão entre protagonistas das histórias, narradores e ouvintes: alguns fatos se tornam tão importantes para o ouvinte que este passa a narrá-los, em uma outra oportunidade, como se tivesse vivido a experiência. Realidade e ficção se amalgamam de tal forma que, a certo ponto, ficamos sem saber onde inicia uma e acaba a outra.

---

<sup>1</sup> Na organização do acervo de oralidades da UFRGS, decidimos gerar um número de classificação tendo em vista o ano da coleta. No caso da Narrativa 200601, 2006 corresponde ao ano da recolha e 01 a ordem de chegada da obra ao acervo. Em anexo, disponibilizamos outras informações sobre as narrativas.

Quantitativamente, as narrativas fantásticas são as que aparecem em maior profusão no acervo:

Se tu tem seis filhos homens, o sétimo filho homem é lobisomem e a bruxa é a sétima filha mulher (Narrativa 200602)

O meu pai tinha um amigo chamado Jorge Gaiola (...) esse homem quando ria tinha os dentes igual a de um cachorro (...) diziam que ele era lobisomem. (Narrativa 200808)

Mas eu acho que era... Se encaixa com o que se fala que seja um lobisomem. Para mim era. (Narrativa 200602)

Conforme afirma Lima (2003, p.11), “são histórias que associam o extraordinário ao ordinário, isto é, entrelaçam episódios históricos e ficcionais.” Na busca de explicações para o mundo, conta-se para dar uma leitura ao que se apresenta inexplicável. Por isso, pode-se constatar que o trabalho com a literatura oral nos possibilita trazer diferentes interpretações das coisas.

Histórias de lobisomens, bruxas, animismos, assombrações são recorrentes no imaginário popular universal. Normalmente, relacionados a modelos de comportamentos, os lobisomens e as bruxas seriam pessoas que assumem condutas diferentes do usual. Representam a fuga do padrão, o que não coube dentro da fôrma, o que escapou ao comum e, por isso mesmo, são demonizados (termo utilizado a partir de uma leitura judaico-cristã) e excluídos. Suas condutas, não seguindo o padrão, são explicadas pela aberração e servem, portanto, também como exemplos.

...tinha uma casa que tinha um monte de bruxa, um monte de mulher (...) aquela risaiada...um dia foram espiar: elas tudo tomando um líquido vermelho nos copos e viraram tudo em borboleta (Narrativa 200601)

Os homens que possuem atitudes antissociais (normalmente o provável lobisomem é um homem solitário, reservado) estariam de algum modo muito mais próximos a uma natureza selvagem, que só poderia ser explicada pelo mito.

*[Uma senhora foi atacada por um lobisomem, no dia seguinte, no café-da-manhã, ela narra a experiência para o filho:]*

\_ Pois é, porque o cachorro (...) mordeu minhas pernas.

E ele *[o filho]* riu, ele riu!

Os dentes tudo cheio de coisa vermelha da saia dela.

(...)

Daí, ela viu que *[o lobisomem]* era o filho dela... (Narrativa 200602)

*[Um homem, que era pai recente, coloca a mulher e o filho em um lugar seguro na árvore. Durante a noite, a mulher é atacada por um lobisomem, mas consegue se manter na árvore assalva. Pela manhã, o homem vem buscar a esposa e a criança que continuavam na árvore. A mulher comenta:]*

\_ Bom, na certa você encontrou com esse bicho enorme pelo caminho. Ele disse:

\_ Foi, eu encontrei com um bicho enorme no caminho. A gente lutou, mas eu consegui fazer ele fugir.

Aí, ela pegou, deu a mão a ele pra descer da árvore.

Quando ele ergueu assim os dentes, entre os dentes estavam os fiapos da manta da criança.

Aí ela percebeu: ele é o lobisomem! (Narrativa 200808)

Como apontado antes, a partir da classificação pensada na monitoria, temos histórias que se encaixam em outras categorias. As que chamam a atenção também são as narrativas de Memória Política, sobretudo porque mobilizam diretamente discussões de cunho histórico, social, ideológico e, claro, político.

Em 65, eu fui preso. (...) E eu não apanhei mais e não disse mais porque eu não sabia, pra ver como era importante esta estratégia de nos retirar da organização e colocar nossa casa só como aparelho. (Narrativa 200803)

Contando um episódio da vida de um militante de esquerda, o narrador nos apresenta uma história muito ilustrativa de um momento histórico-político (perseguição ideológico-política) do Brasil:

Algumas pessoas contam que seguidamente a polícia ia na casa dele. E invadia a casa dizendo que lá tinha arma, que lá que ele guardava as armas. Aí um dia ele encheu o saco e:

\_ *Tá, tá lá naquela peça! Vai lá!*

Aí o cara entrou lá e chegou lá era uma prateleira com livro. O cara voltou:

*\_ Lá não tem merda nenhuma! Só tem livro naquela merda.*

*\_ Pois essa é minha arma. (Narrativa 200803)*

Depois o mesmo narrador, reflete sobre a ação da militância e alguns desdobramentos. Aqui ele comenta os desaparecidos políticos:

Esses grupos ajudaram muito para que o Brasil pensasse mais aquele momento de ditadura. (...)

O Felizardo é outro que desapareceu. (...) Depois aquele que apareceu no Guaíba boiando com as mãos amarradas também atuava por aqui...Eu conheci vários, não de conviver, mas de conhecer a pessoa, de passar lá na Tribuna. (Narrativa 200803)

Na escola, por exemplo, ter acesso a esses relatos de história viva através do narrar torna mais interessante e mais substancial o debate, a proposição de ideias, a construção (e também desconstrução) dos vários sentidos que estão em circulação.

De qualquer modo, os narradores “constroem, pela linguagem das alegorias, quadros interpretativos da sociedade da qual emergem” (LIMA, 2003, p.11), manifestações de anseios e temores coletivos e desejos individuais, que se não se configuram “verdadeiras”, são como eles gostariam que fossem.

Percebemos que essas narrativas atuam diretamente sobre um “reencantamento do mundo”, ao mesmo tempo em que pedem explicações. Os sentidos e as percepções aqui são superexplorados e evidenciados, em detrimento da atual mecanização do ser humano. Esse contar/ouvir histórias nos incita a perguntas várias, nos leva a questionamentos múltiplos. Pesquisar a oralidade, voltar à comunidade, mostrar-se. Provavelmente, é um bom exercício para a sala de aula.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Em outros tempos, a ninfa Eco tinha sabido dizer. E dizia com tanta graça, que suas palavras pareciam não usadas, jamais ditas antes por boca alguma.*

*Mas a deusa Hera, a esposa legal de Zeus, amaldiçoou-a num dos seus frequentes ataques de ciúmes. E Eco sofreu o pior dos castigos: foi despojada de voz própria.*

*Desde então, é incapaz de dizer, só consegue repetir. O costume transformou essa maldição em virtude.*

Eduardo Galeano

A epígrafe que abre este trabalho e a que inicia minhas considerações finais são, não por acaso, do mesmo autor e a ideia central de ambas é a linha norteadora (ou seria suleadora?) de minhas ações e pensamentos relativos à educação: a preocupação com relação ao apagamento da criatividade, ao silenciamento das vozes e à consagração da repetição. Há “um sistema de desvínculos para que os calados não se façam perguntas, para que os opinados não se transformem em opinadores” (GALEANO, 2009, p.122) e esse mesmo sistema “nos ensina a repetir a história ao invés de fazê-la” (idem).

Como foi assinalado durante o trabalho exposto, as relações não são simples: envolvem sociedades, ideologias, interesses, lutas, silêncios, desconfortos, alguns gritos. Vivemos a lógica da sociedade capitalista, ignorante do patrimônio cultural de vozes anônimas; individualista e imediatista, voltada para o aqui e agora, sem espaço para o saber da experiência; academicista, que reconhece somente a razão em detrimento à emoção.

Os mecanismos da educação moderna colocam ênfase principal no rápido domínio da leitura e da escrita como preparação para a escola secundária e para a vida adulta. Não deveríamos estar preparados para considerar as possíveis condições impostas ao gerenciamento de nossos sistemas educacionais por meio de nossa herança oral? (HAVELOCK, 1995, p.28)

O que Havelock defende nessas linhas é que haja uma valorização do nosso legado oral, que é nossa herança biológica, afinal, falar é natural, em detrimento à cada vez mais precoce iniciação ao mundo tecnicista da escrita pelas crianças. É o que defendemos também com o trabalho situado na tessitura das narrativas orais dentro da academia e dentro da escola.

Freire (1981, p. 11) nos aponta que “a leitura de mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”. Quer dizer, deve haver um estímulo à sequência do conhecimento já adquirido. Iniciamos nossas vidas no aprendizado do mundo, dos toques, dos cheiros, dos movimentos, das formas e quando somos apresentados à escola, sofremos uma interrupção no nosso entendimento de mundo. É, de certo modo, traumático porque tudo o que se traz dessa vivência pré-escolar é descartado: a vida jaz fora dos muros da escola!

Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, na sala de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação. (FREIRE, 2007, p. 44)

Ainda segundo Freire (2007), sobre a prática da educação, deve-se assumir e reconhecer as identidades culturais. Assumir-se “como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar”. (FREIRE, 2007, p. 41)

Com a possibilidade da entrada das narrativas orais dentro de sala de aula, aproximam-se diversas outras atividades agregativas, uma circularidade de funções e uma igualdade de espaços: quem conta ouve também, quem ouve pode contar. A proposta é essa: desenvolver o interesse pela comunidade, ressignificar o eu, questionar lugares predefinidos, resgatar o prazer de aprender, redescobrir o encanto de ensinar.

## 5. BIBLIOGRAFIA

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos do Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

AYALA, Maria Ignez Novais. *O conto popular: um fazer dentro da vida. Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL*. Recife: ANPOLL, 1989.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1988.

BONAZZI, Marisa & ECO, Umberto. *Mentiras que parecem verdades*. São Paulo: Summus, 1980.

BOSI, Eclea. *Cultura de massa e cultura popular*. Petrópolis: Vozes, 1981.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*.

Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)  
Acesso em 12/11/2009.

BRIGGMANN, Arcanjo Pedro. *Da construção da subjetividade à produção textual*. Porto Alegre: UFRGS, 1993. (Dissertação de Mestrado)

\_\_\_\_\_. *Dispositivo escolar e ensino de língua portuguesa*. Porto Alegre: UFRGS, 2000. (Tese de Doutorado)

BUNZEN, C. & MENDONÇA, M.(orgs.) *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. 3.ed. Belo Horizonte: Itatiaia. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1984.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

CORREIA, João David Pinto. *Os gêneros da literatura oral tradicional: contributo para sua classificação*. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, julho, nº 9, Lisboa: 1999.

EIZIRIK, Marisa Faermann & COMERLATO, Denise. *A escola (in)visível : jogos de poder/saber/verdade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1995.

EIZIRIK, Marisa Faermann. *Educação e escola: a aventura institucional*. Porto Alegre: AGE, 2001.



FERNANDES, Frederico. *A voz e o sentido: poesia oral em sincronia*. São Paulo: Unesp, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1993.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

GALEANO, Eduardo. *Espelhos*. Porto Alegre: LP&M, 2008.

\_\_\_\_\_. *O livro dos abraços*. Porto Alegre: LP&M, 2009.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HAVELOCK, Eric. *A equação oralidade-escrita*. In: OLSON, David R. & TORRANCE, Nancy. *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo: Ática, 1995.

LIMA, Nei Clara. *Narrativas Oraís: uma poética da vida social*. Brasília: UnB, 2003.

ONG, Walter J.. *Oralidade e cultura escrita : a tecnologização da palavra*. Campinas: Papyrus, 1998.

PATTO, Maria Helena Souza. *Introdução à psicologia escolar*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Criticidade e leitura: ensaios*. São Paulo: Global. 1998.

TIRIBA, Lia & PICANÇO, Iracy (Orgs.). *Trabalho e educação : arquitetos, abelhas e outros tecelões da economia popular solidária*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2004.

XIDIEH, Osvaldo Elias. *Narrativas Populares: Estórias de Nosso Senhor Jesus Cristo e mais São Pedro andando pelo mundo*. Introdução: Alfredo Bosi. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.

ZUMTHOR, Paul. *A Letra e a Voz*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. *Introdução à Poesia Oral*. São Paulo: Hucitec, 1997.

## ANEXO A - Informações sobre as narrativas apresentadas neste trabalho

Número do sistema:	200601
Autor	Leonardo Jakulski
<b>Contador</b>	<b>Ana Luiza Jaskulski</b>
<b>Origem:</b>	<b>São Francisco de Assis/RS</b>
Data da coleta	02/12/06
Local:	Porto Alegre/RS
Temáticas:	Fantástico; assombração
Duração	7 minutos
Tipo de mídia:	Áudio; arquivo em .mp3 - 4,24 MB
Comentários:	<i>O caso da mulher sem dedo</i> - um conto popular sobre a cupidez humana que mistura o sobrenatural à realidade..

Número do sistema:	200602
Autor	Karine Queiroz Lagranha
<b>Contadores</b>	<b>Nelci de Moraes Queiroz - Eduardo Terence Nickel</b>
<b>Origem:</b>	<b>Porto Alegre/RS</b>
Data da coleta	03/12/06
Local:	Porto Alegre/RS
Temáticas:	Fantástico; assombração, bruxas, lobisomem
Duração	24 minutos
Tipo de mídia:	Vídeo; arquivo em .avi - 207 MB
Comentários:	Dois momentos de contação de história: a primeira narradora percorre várias histórias do sobrenatural popular como fantasmas, hipóteses sobre bruxas, origem de lobisomens, animais com comportamentos humanos (cobra que se alimenta do leite da mulher); o segundo contador narra uma experiência vivida na adolescência em que precisou fugir de um lobisomem.

Número do sistema:	200803
Autor	Vinicius da Silva
<b>Contador</b>	<b>Waldir Canibal de Ávila</b>
<b>Origem:</b>	<b>Rio Grande/RS</b>
Data da coleta	08/12/08
Local:	Porto Alegre/RS
Temáticas:	Memória Política; Relatos/experiências próprias; militância política
Duração	26 min
Tipo de mídia:	Vídeo; .avi - 148 MB
Comentários:	O registro em vídeo traz várias narrativas de uma vida de militância na esquerda gaúcha. O narrador, de certo modo, conta a história do país a partir das histórias que ele experienciou e das que ele ouviu contarem.

Número do sistema:	200808
Autor	Bruna Rossana de Souza Santos Schuck
<b>Contador</b>	<b>Leni Soares de Souza Santos</b>
<b>Origem:</b>	<b>Rio de Janeiro/RJ</b>
Data da coleta	27/11/08
Local:	São Pedro/SP
Temáticas:	Fantástico; lendas, saci-pererê, assombração, lobisomem, demônios
Duração	25 min
Tipo de mídia:	Áudio; arquivo em .wmv, 85 MB
Comentários:	São cinco narrativas que envolvem o imaginário popular fantástico. A maioria dessas histórias sobrenaturais foi vivida pela narradora.